

PAULO CARMONA



PEDRO BRINCA

O PIB não vota

PEDRO BRINCA

O Kansas não elegia um senador democrata desde 1932. Na terça-feira elegeu. O Texas não o fazia desde 1988 e também mudou de cor. Ao todo, os democratas tiraram pelo menos sete lugares aos republicanos no Senado e, segundo a NBC, vão ter na Câmara a maior maioria em quase duas décadas. Trump explicou a derrota ao New York Times sem rodeios: os americanos não se importaram com o Irão, importaram-se com o preço do petróleo.

Tem razão, pelo menos em parte. À primeira vista, a economia não justificava o castigo. O PIB americano cresceu 3,4% em ritmo anualizado no terceiro trimestre, um número que qualquer governo europeu invejaria. Mas ninguém vive do PIB. Vive-se do salário, e o salário real por hora caiu 0,7% num ano. A gasolina chegou ao dia da eleição 37% mais cara do que há um ano. Segundo o Washington Post, nunca tinha custado tanto num dia de eleições, em valores nominais. É a fatura da guerra com o Irão e de um Estreito de Ormuz bloqueado desde fevereiro.

Depois veio a saúde. A grande lei orçamental de 2025 cortou no Medicaid, o seguro público dos mais pobres, e não renovou os subsídios reforçados do Obamacare, que acabaram em dezembro. Este ano, o que os inscritos pagam de facto pelo seguro subiu 58%. As inscrições no Obamacare para 2027 abriram no domingo, e os prémios de referência sobem mais 13%. Muitas famílias viram a conta do próximo ano dois dias antes de votar.

E a Europa? Sinceramente, é cedo para saber. Os mercados gostaram: o euro subiu, o Brent desceu para perto dos 100 dólares e, com o Congresso nas mãos da oposição, fica mais difícil aprovar défices com os votos de um só partido. Mas as tarifas, a guerra e a política externa não dependem do Congresso. Para as travar por lei, os democratas precisariam de dois terços nas duas câmaras, e não os têm. Um diplomata europeu disse à Euronews que Trump será "mais cão raivoso do que pato coxo". Travado em casa, pode virar-se para onde não precisa de ninguém, como o comércio. A disputa sobre a Airbus já está em cima da mesa.

Entretanto, a inflação da Zona Euro subiu para 4% em outubro, com a energia 20,8% mais cara do que há um ano. Essa fatura depende de Ormuz, não do Capitólio. E a lição de terça-feira atravessa o Atlântico. Um governo pode crescer bem e perder na mesma, se os eleitores sentirem que vivem pior. ■

"They don't mind the Iran, but they probably weren't happy — they weren't happy with the oil price."

DONALD TRUMP
NEW YORK TIMES,
3 DE NOVEMBRO DE 2026